

Emergência de uma nova governança mundial através dos valores da franco-maçonaria liberal e adogmática

O mundo está a mudar. Rapidamente e às vezes depressa demais. Talvez pelas mudanças, talvez pela velocidade a que ocorrem essas mudanças, talvez também porque existem novos paradigmas de governo, fala-se nos últimos tempos em “nova governança mundial”, fruto de um conjunto de problemas, articulados entre si e decorrentes de novas realidades políticas e econômicas impensáveis há décadas atrás.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade são os pilares com que a Maçonaria tenta construir um mundo melhor. Liberdade que deve estender-se da liberdade política, que assistimos hoje por todo o mundo árabe, à tolerância religiosa, necessária um pouco por todo o mundo, ou aos problemas demográficos bem patentes nos emigrantes que partem das costas do norte de África. Igualdade que se contrapõe ao preço das energias, à desigual poluição do planeta, ainda que conseqüências para todos, ao preocupante futuro acesso à água, ao direito ao ensino e a um trabalho digno e remunerado. Fraternidade, que passa pelo respeito pelo Homem, não o subalternizando à economia e lutando contra a miséria, tal como foi definido no Fórum Social Mundial, que ocorreu em Dakar, no passado mês de Fevereiro. Este é também um momento em que todas as partes envolvidas se devem unir para que não haja perdedores e que todos em fraternidade, em igualdade e em liberdade trabalhem para o Bem Comum, tão bem definido no século XVIII por Rousseau, Montesquieu e muitos outros.

Mas uma nova governança mundial, à luz dos valores da maçonaria liberal e adogmática, deve também ser uma governança que aposte no reforço da componente cívica, que interpela os poderes públicos, que responsabiliza os actores políticos mas também não se demite das suas responsabilidades. Redescobrimos hoje a importância da sociedade civil trabalhando em paralelo com o Estado. Afinal, algo que homens e mulheres, maçons e não maçons, no início do século XX já reclamavam para a sociedade europeia e norte-americana.

Mas a emergência de uma nova governança é também a mudança em instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, como recentemente observou Lula da Silva, em Londres. Dizia o ex-presidente do Brasil de que “não podemos deixar que a recuperação económica abandone as mudanças na governança

mundial”. As novas estruturas devem mostrar, hoje, um mundo maior, mais diversificado, reflectindo países em ascensão, democracias sólidas e sobretudo, fraternidade, não apenas e só o poder da economia, nunca mais a especulação financeira comandar a produção. O lucro a qualquer preço tem de dar lugar a uma governança transparente, sólida e fiscalizada.

A Maçonaria através dos seus valores, sempre actuais, pode dar um importante contributo para esta Nova Ordem Mundial. Pode, em primeiro lugar, ter uma voz activa e frequente que lembre o mundo desses valores ou da sua falta. Pode evitar interesses nacionais exacerbados, por vezes bem patentes nas reuniões do G20, onde os interesses dos EUA, França, Brasil, Alemanha, China e Índia, entre outros, raramente são coincidentes. A própria Europa está longe de ter uma voz única em matéria económica ou social. E no entanto o Homem é um só.

Como então compreender que o grupo de países que compõe o G20 represente cerca de 90% do produto interno global? Vem-nos à memória a fraternidade, mas também a igualdade e a liberdade. Foram Luda da Silva e Nicolas Sarkozy que em 2009, em Itália, numa cimeira do G8, defenderam o aproveitar da crise mundial para promover uma mudança global, através do maior peso das economias emergentes, nomeadamente do Brasil e da Índia. Mas que caminho tomar?

A própria noção de governança não é uniforme. Há quem defenda a governança enquanto Estado mínimo, com redução de déficits públicos. Há quem fale de governança corporativa, de governança em sistema de regulação partilhada e há quem fale em “boa governança”, exemplo do Banco Mundial, onde está subjacente uma ideia de eficácia dos serviços públicos e de redução do peso do Estado através de privatizações.

Longe estamos do primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, no Brasil, em 2001. Nessa altura apenas se pretendia a reflexão crítica sobre a hipótese de uma nova governança mundial. Hoje, o mundo corre como um bombeiro a encontrar soluções para uma crise que conheceu e para a qual ainda não há respostas, que não sejam apenas do domínio macro. A globalização, de que se falava há uns anos atrás, levou a um aumento da concentração de riqueza nos países mais ricos e nas franjas mais favorecidas da sociedade, agravando desigualdades sociais no seio de quase todas as economias. Ao mesmo tempo, constatou-se que a sociedade e a democracia não possuía instrumentos e

instituições que combatessem essas novas desigualdades. Uma vez mais é aqui que surge a grande oportunidade para a Maçonaria ao assumir que o mundo de hoje é mais complexo que nos tempos que nos precederam, mas que também deve ser mais justo e democrático. Um mundo onde também a cada um caiba a responsabilidade de se tornar um cidadão mais fraterno e solidário, contribuindo para uma Humanidade melhor. Ao olhar para o mundo com o seu optimismo característico, a Maçonaria dá-nos a oportunidade de corrigir o que um sistema cego pelo dinheiro destruiu, uma sociedade onde impera a fraternidade, a igualdade e a liberdade.